



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA



O USO DO HUMOR GRÁFICO NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Wander Guilherme Rocha Carvalho
Orientador: Prof. Dr. Rafael Straforini

Campinas, dezembro de 2015



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA



O USO DO HUMOR GRÁFICO NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Monografia de Conclusão de Curso apresentada ao Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Geografia.

Wander Guilherme Rocha Carvalho
Orientador: Prof. Dr. Rafael Straforini

Campinas, dezembro de 2015

A meus pais,
Vanderlei e Juliana.

AGRADECIMENTOS

Com toda a certeza este trabalho não seria realizado sem o apoio de algumas pessoas especiais que direta ou indiretamente influenciaram os meus caminhos e escolhas, me apoiando nesta caminhada ou apenas proporcionando e compartilhando momentos de alegria pelos quais me fortaleceram para conquistar os meus objetivos.

Primeiramente gostaria de agradecer aos meus pais, Vanderlei e Juliana, que por toda minha vida incentivaram os meus estudos e minhas vontades. Sempre me apoiaram psicologicamente e financeiramente na decisão de cursar Geografia e depositaram em mim todo o carinho possível e viveram a angústia de um jovem filho que viveu a vida toda na zona rural sair de casa para estudar na cidade grande. Gostaria de agradecer ao meu pequeno irmão Gabriel, hoje com nove anos que trouxe muitas alegrias a mim e a meus pais, os ajudando a superar as minhas ausências.

Aos meus avós maternos, ao Seu Antônio e a Dona Fátima, que carinhosamente os chamo de padinho e madinha, por também serem meus padrinhos de batismo, que sempre serão os melhores exemplos a se ter de honestidade e generosidade e pelo apoio nos momentos em que precisei, também ao meu tio Dô, irmão de minha mãe, pela amizade e pelos inúmeros momentos compartilhados.

A toda querida e numerosa família paterna Rocha Carvalho, tios, tias, primos, primas e demais agregados pelas alegrias, viagens, festas e pelo carinho, em especial: Aos meus avós paternos, Vô Zé Branco (em memória) e a Vó Esther pelas suas personalidades inspiradoras, autênticas e divertidas, com os quais compartilhei muitas alegrias e risadas; Ao meu tio e amigo Lico pelas festas, conversas e pelos equipamentos eletrônicos compartilhados; A minha tia Silvia e a sua filha, minha prima Lara, pelos infinitos momentos, passeios, jantares, conversas, caronas e principalmente por serem as maiores influências para que eu prestasse o vestibular da Unicamp e por acreditarem em mim e a minha tia Sandra por incentivar os meus

estudos, se orgulhar disso e mostrar como é ser um destaque em pessoa, com todo o seu brilho e carisma.

Aos meus amigos: Vivi por fazer parte de quase todos os meus momentos nesses anos de graduação, por ser uma pessoa com a qual pude dividir minhas alegrias, angústias, conselhos e os momentos mais magníficos dos meus últimos anos, foram muitas risadas, festas, comilanças, cervejas que levarei para sempre comigo; Fernanda Peixoto, uma das pessoas mais especiais que conheci na Geografia, com a qual dividi momentos únicos e maravilhosos; Amandinha pelos sábios conselhos e muitas aventuras; Menna; Fernando Fagner; Faju; Teramatsu; Talita; Gabriela Zilioti; Samantha; Lucas Amici; Aos amigos excepcionais da República dos Franceses, com os quais dividi não apenas um lar durante a minha graduação, mas muitas vivências que com certeza não poderiam deixar de ser as minhas melhores lembranças da época da graduação e a todos os muitos amigos de todos os continentes que conheci morando nesta república e a todos os amigos e colegas do Instituto de Geociências.

A todos os professores e funcionários do Instituto de Geociências.

A todo o pessoal do PIBID Geografia, que em nossas reuniões, discussões, leituras, eventos e trabalho foram de grande proveito na minha formação profissional e pessoal, especialmente agradeço ao Prof. Dr. Rafael Straforini, a colaboradora Anniele Sarah Ferreira de Freitas, a Prof. Dra. Tânia Canto, a direção da Escola Estadual Prof. Horta Lisboa e ao Prof. Dr. Ederson Bringuentti, por seus papéis fundamentais no PIBID Geografia da Unicamp e pelo apoio no desenvolvimento do meu trabalho.

E por fim ao meu orientador, o Profº Dr. Rafael Straforini, já mencionado no parágrafo acima, pela orientação, paciência, estímulo e pelo seu comprometimento para com o Ensino de Geografia e a Educação.

“O papel da Educação e, dentro dessa, o do ensino de Geografia, é trazer à tona as condições necessárias para a evidência das contradições da sociedade pelo espaço, para que no seu entendimento e esclarecimento possa surgir um inconformismo e, a partir daí, uma outra possibilidade para a condição da existência humana”

Rafael Straforini

RESUMO

Neste trabalho abordarei algumas de diferentes linguagens que podem ser utilizadas no Ensino de Geografia e em outras disciplinas, uma vez que no contexto atual é fundamental abordar outras linguagens que desprendam até certo ponto dos métodos de ensino da escola tradicional, à medida que o interesse pela escola e entusiasmo dos alunos são bem baixos.

O trabalho tem como objetivo principal o estudo do uso do humor gráfico (charges, cartuns e histórias em quadrinhos) na Geografia, uma vez que trabalhar com as charges, os cartuns e as histórias em quadrinhos no contexto escolar, em caráter complementar a linguagem escrita e demais linguagens, oferece uma importante possibilidade de armazenar e produzir conhecimento. Trabalhei com alunos do Ensino Fundamental do projeto PIBID Geografia, o desenvolvimento a partir de temas da Geografia de charges e histórias e quadrinhos. Os trabalhos feitos pelos alunos seguem na direção apontada pelos pensadores sobre a temática, da eficácia e da potencialidade de se trabalhar com este tipo de linguagem, que representa de certa forma, uma fuga aos padrões de ensino impostos pela escola tradicional. Tratarei dos trabalhos que abordam, seja a temática ou utilizam de algum de seus elementos, o humor gráfico nos anais dos ENPEGs – Encontro Nacional de Práticas de Ensino de Geografia - dos anos de 2009, 2011 e 2013, o evento que é considerado o maior do país na área de Ensino de Geografia. Embora que representem um percentual pequeno dos trabalhos apresentados nessas três edições do evento, que tem como característica apresentar diferentes linguagens e práticas para se ensinar a Geografia, a linguagem do Humor Gráfico vêm se mostrando presente e se consolidando como uma importante aliada na diversificação dos modos de se ensinar a Geografia nas escolas.

Palavras Chave: *Ensino de Geografia, Humor Gráfico, Aprendizagem Significativa.*

ABSTRACT

This paper will address some of the different languages that can be used in Geography Teaching and other disciplines, since the current context is critical to address other languages that peel off to some extent the teaching methods of the traditional school, as the interest in School and enthusiasm of the students are very low. The work has as main objective the study of the use of graphic humor (cartoons, cartoons and comics) in Geography, since working with the cartoons, the cartoons and comic books in the school context, in complementary character written language and other languages, offers an important opportunity to store and produce knowledge. I worked with elementary school students of the Geography PIBID design, development from themes of cartoons of Geography and stories and comics. The work done by students follow in the direction that the thinkers on the subject, the effectiveness and capability of working with this type of language that is somehow an escape taxes educational standards for school traditional. Treat of jobs address either the issue or use of any of its elements, the graphic humor in the annals of ENPEGs - National Meeting of Geography Teaching Practices - the years 2009, 2011 and 2013, the event that is considered the largest country in area Geography Teaching. Although representing a small percentage of the papers presented in these three editions of the event, whose characteristic has different languages and practices to teach geography, the Graphic Humor language have been present and is consolidating as an important ally in the diversification of the modes to teach geography in schools.

Key Words: *Geography Teaching , Graphic Humor , Meaningful Learning .*

Sumario

1. Introdução	10
2. Linguagens e ensino de Geografia	12
2.1. O Lúdico	15
2.2. O Espaço Geográfico em Imagens.....	18
2.3. Fotografia	23
2.4. A Dramatização na compreensão espacial	24
2.5. Geografia e música	26
2.6. Tv e Vídeo	27
2.7. Humor Gráfico	28
3. O humor gráfico	28
3.1. O Humor gráfico: conceituando	28
3.2. Concepções de Humor Gráfico	31
3.3. O Humor gráfico na educação e no Ensino de Geografia	36
3.4. O Estado da Arte sobre Humor Gráfico nos Encontros Nacionais de Prática de Ensino de Geografia (ENPEG - (2009, 2011 e 2013)).....	38
4. Prática Pedagógica.....	41
5. Considerações Finais.....	52
6. Referências Bibliográficas.....	53

1. Introdução

No Brasil e em outras regiões do planeta, tornar a escola atrativa para a criança e o jovem, se tornou um grande desafio, uma vez que mesmo estando mais acessível e havendo uma ampla oferta educacional, ela parece estar cada vez menos interessante e compete concomitantemente com outras atividades mais atrativas para essa faixa etária, como os bares, as atividades da rua, demais movimentos juvenis, entre outros.

O atual sistema educacional brasileiro, que na maioria das vezes atua atendendo a interesses do sistema capitalista, faz com que as aulas se tornam mecanizadas, e na maioria das vezes os professores não têm a devida autonomia para alterar ou amenizar essa mecanização em que os únicos objetivos são os vestibulares, ou o diploma do ensino médio, para que os jovens possam ingressar no mercado de trabalho.

Hoje em dia, cada vez mais se esquece da escola como lugar de saber e se pensa nela como caminho para o emprego. Encontra-se esta relação com o saber e com a escola na fala dos pais, nos discursos dos políticos, nos artigos dos jornais, no marketing das escolas particulares e, portanto, não é de admirar que ela tenha se tornado dominante, também, entre os alunos. As minhas pesquisas sobre a relação com o saber evidenciaram que muitos alunos vão à escola para passar de ano, receber um diploma e ter um bom trabalho mais tarde. Essa posição é realista, claro está, mas o problema é que cada vez mais alunos frequentem a escola apenas para isso (e, claro, para verem os amigos). (CHARLOT, 2009, p. 12).

A escola que outrora, tinha como objetivo o conhecimento, a formação pessoal, cidadã e política, pouco existe, e as aulas “robóticas” são extremamente tediosas, desgastantes e desinteressantes para a grande maioria dos alunos. “Na lógica que está se tornando dominante, estuda-se (quando se estuda...) para ter boas notas, passar de ano, ser aprovado no vestibular, ter um bom emprego: motivo e objetivo discordam.” (CHARLOT, 2009, p.12).

No Brasil, o desafio ainda é incorporar um ensino eficiente em um país com enormes contrastes sociais, e a necessidade do ingresso prematuro do jovem no mercado de trabalho, o que contribui para a evasão escolar.

Diante deste panorama já complicado, a necessidade da inovação das metodologias de ensino e também das linguagens a serem utilizadas na construção do conhecimento se tornaram importantíssima para tornar a escola mais atrativa e, conseqüentemente, haver uma melhora na educação, portanto apresentar outras possibilidades e maneiras de se ensinar se tornou tão importante

Neste trabalho abordarei algumas de diferentes linguagens que podem ser utilizadas no Ensino de Geografia e em outras disciplinas, uma vez que no contexto atual é fundamental abordar outras linguagens que desprendam até certo ponto dos métodos de ensino da escola tradicional, à medida que os interesses pela escola e entusiasmos dos alunos são bem baixos.

Também apresentarei o trabalho que apliquei na Escola Estadual Prof. Horta Lisboa, localizada no município de Campinas/SP, como parte das atividades desenvolvidas no PIBID-Geografia da Unicamp, cuja proposta foi o desenvolvimento de um dos elementos do humor gráfico, a partir de conteúdos já discutidos. O trabalho foi aplicado em uma turma do Nono ano.

Este trabalho como um todo, tem como objetivo principal o estudo do uso do humor gráfico (charges, cartuns e histórias em quadrinhos) no ensino de Geografia, uma vez que trabalhar com as charges, os cartuns e as histórias em quadrinhos no contexto escolar, em caráter complementar a linguagem escrita e demais linguagens, oferece uma importante possibilidade de armazenar e produzir conhecimento.

2. Linguagens e ensino de Geografia

Dentro e fora do universo escolar, a comunicação ou a transmissão de conhecimentos das mais distintas naturezas pelo homem podem acontecer por uso de diferentes linguagens. Certamente, antes mesmo do surgimento da fala ou da escrita o homem primitivo já pudera se comunicar – obviamente que de maneira pouco desenvolvida – por meio das expressões corporais, sons, etc.

Com o desenvolvimento da humanidade e o avanço tecnológico, surgiram infinitas linguagens que possibilitam a comunicação e também a transmissão do conhecimento. No universo escolar, na maioria das vezes, essas linguagens embora que muito eficientes e diversificadas são pouco exploradas no processo de ensino-aprendizagem. Este capítulo trará uma discussão sobre o uso destas linguagens e suas potencialidades no ensino de Geografia.

Para que possamos avançar no entendimento das linguagens no Ensino de Geografia é necessário conceituarmos linguagem e sua relação com o homem e o conhecimento. Para esta conceituação, é necessário responder algumas questões importantes, como: o que é linguagem? O que se trata a linguagem?

Para responder estas questões, primeiramente procurei a definição da palavra linguagem em dois dicionários distintos bem populares: o Aurélio e o Houssais. As definições encontradas nos dois dicionários¹ apontam na direção de que as linguagens constituem em os meios em que possamos nos expressar e ser compreendidos, ou seja, elas não têm um único formato, mas sim infinitas possibilidades de transmitir aquilo que se deseja. Embora que qualquer linguagem necessite primeiramente de um pensamento e uma ação que haja como transmissora do pensamento para a reflexão e interpretação do receptor.

¹1. Expressão do pensamento pela palavra, pela escrita ou por meio de sinais. 2 O que as coisas significam. 3 Voz dos animais. 4 Estilo. 5 Conjugação dos verbos. (Aurélio, 2015)

*“o conjunto das palavras e dos métodos de combiná-las usado e compreendido por uma comunidade.” * “capacidade de expressão, esp. Verbal.” . *meio sistemático de expressão de ideias ou sentimentos com o uso de marcas, sinais ou gestos convencionados. *qualquer sistema de símbolos e sinais; código. *linguajar. (HOUSSAIS, 2009)*

Mello (1976) entende o termo *linguagem* com um significado de duplo sentido. O primeiro como a comunicação opcional que o ser humano possui de se comunicar intencionalmente por meio de sinais, enquanto que o segundo sentido estaria relacionado pela realização de sinais de qualquer natureza, conforme passagem abaixo:

Linguagem é a palavra de duplo sentido, nenhum dos quais adequados à nossa indagação de hoje. Pode significar a faculdade que o homem tem de comunicar-se intencionalmente e por meio de sinais. Neste caso, a origem do homem, porque se trata de uma propriedade essencial à espécie: todos os homens têm e sempre tiveram essa faculdade. Significa também a palavra qualquer manifestação exterior realizada por sinais, sejam eles gestuais, fisionômicos ou construídos (MELLO, 1976, p. 1)

Minuzzi(2011) conceitua linguagem como um “fenômeno humano” e neste caso não poderia dissociar linguagem das práticas sociais humanas. Assim, estando exclusivamente associada a uma prática natural humana, a linguagem para ele está diretamente associada ao pensamento e a capacidade que temos de reflexão e de interpretar a linguagem da forma que o emissor determina.

A linguagem é um fenômeno humano e, por conseguinte, está intrinsecamente relacionada com práticas sociais. Consequentemente, quando perguntamos pelo significado, é fundamental considerarmos o que as pessoas estão fazendo quando usam a linguagem. A forma de linguagem é determinada pelo emissor que por sua vez transmite ao receptor sua mensagem. (MINUZZI, 2011, p.3)

Garcia (2001) analisa a obra de Vygotsky que também entende o pensamento como algo fundamental na linguagem. Para o autor a linguagem também está associada a uma dimensão humana e tem grande importância para o homem como ele é, enfatizando a linguagem e o pensamento como complementares e atuando em conjunto na formação individual humana.

Para Vygotsky, um claro entendimento das relações entre pensamento e língua é necessário para que se entenda o processo de desenvolvimento intelectual. Linguagem não é apenas uma expressão do Pensamento e linguagem conhecimento adquirido pela criança. Existe uma inter-relação fundamental entre pensamento e linguagem, um proporcionando recursos ao outro. Desta forma a linguagem tem um papel essencial na formação do pensamento e do caráter do indivíduo. (GARCIA, 2001, p.11)

Apartir do cruzamento das curvas do desenvolvimento do pensamento e da linguagem, o que ocorre próximo aos dois anos de idade, o indivíduo passa a ter um comportamento humano, uma vez que a partir deste ponto que a criança passa a pensar o que fala, ou a falar o que pensa, assim o pensamento passa a ser verbal e também a racionalizar a linguagem. É o que Garcia defende na passagem abaixo:

Assim como no reino animal, para o ser humano pensamento e linguagem têm origens diferentes. Inicialmente o pensamento não é verbal e a linguagem não é intelectual. Suas trajetórias de desenvolvimento, entretanto, não são paralelas - elas cruzam-se. Em dado momento, a cerca de dois anos de idade, as curvas de desenvolvimento do pensamento e da linguagem, até então separadas, encontram-se para, a partir daí, dar início a uma nova forma de comportamento. É a partir deste ponto que o pensamento começa a se tornar verbal e a linguagem racional. Inicialmente a criança aparenta usar linguagem apenas para interação superficial em seu convívio, mas, a partir de certo ponto, esta linguagem penetra no subconsciente para se constituir na estrutura do pensamento da criança (GARCIA, 2001, p.11)

Para Davela (2001) a linguagem seria a condição em que podemos distinguir o ser humano dos outros animais e marcante para tornar possível a dominação a essas espécies. Fazendo assim, todo o sentido o estudo da linguagem e de relativa importância.

O imaginariamente, superior e dominante. Vimos que não somos apenas um ser racional e consciente, pois a nossa mente se divide e os nossos pensamentos são também da ordem do inconsciente. O homem, portanto, está a todo o

momento sujeito as falhas, visto que não somos, nem estamos insuscetíveis aos esquecimentos, as perturbações, ou aos lapsos da fala, da escrita, entre outros (DAVELLA,2001, p.7)

Sousa (2008) problematiza o fato dos estudos sobre a linguagem se preocuparem num determinado período da história da produção do conhecimento mais como um produto finalizado em detrimento dos seus mecanismos de produção. A partir do momento que se dá a inversão do enfoque, a linguagem deixa de ser concebida apenas como produto final e passou a ser as condições do processo dessa produção.

Os estudos da linguagem sempre estiveram presentes em nossa sociedade e, de uma maneira geral, sempre se preocuparam mais com a linguagem como produto acabado, isento das condições de produção. À medida que tais estudos foram evoluindo, surgiu a necessidade de desviar o enfoque do produto final para enfatizar as condições do processo de produção. (SOUSA, 2008, p. 1)

As linguagens são representações das realidades e vivências humanas, tornando essenciais na comunicação entre os indivíduos e fator chave na constituição da humanidade em grupos e sociedades. Portanto, elas representam qualquer possibilidade de ensino-aprendizagem nas mais variadas áreas do conhecimento possíveis, inclusive na Geografia, assim estudá-las e buscá-las em suas novas formas e diferentes formas representa muito mais que novos veículos de ensinar, mas novas possibilidades a condição do homem.

2.1.O Lúdico

No ensino, de uma maneira generalizada, trabalhar com o *lúdico*, é uma estratégia atraente e dinâmica no processo de aprendizagem. Tendo sua origem na palavra “ludus” do latim, que significa “jogo”, o significado de lúdico passou a ser muito mais do que o jogo em si, algo essencial as dinâmicas de vida do ser humano.

O lúdico é uma estratégia insubstituível para ser usada como estímulo na construção do conhecimento humano e na progressão das diferentes habilidades operatórias, além disso, é uma importante ferramenta de progresso pessoal e de alcance de objetivos institucionais. (FREITAS E SALVI, 2007, p.4)

Freitas e Salvi (2007) definindo a ludicidade pelo conceito tipológico, entendem que se refere a atividades que dinamizam o ambiente escolar, e são de boa receptividade do público alvo, como os jogos pedagógicos, as dinâmicas de grupo, brincadeiras, exercícios físicos, recortes e colagens, etc.

Através de brincadeiras e jogos, podemos chamar a atenção dos alunos para a realidade com a qual os mesmos estão inseridos e fazer a conexão com diferentes áreas do conhecimento, inclusive a Geografia.

Acredita-se que brincando e jogando, o educando direciona seus esquemas mentais para a realidade que o cerca, aprendendo-a e assimilando-a mais fortemente. Por isso, pode-se afirmar que, por meio das atividades lúdicas, é possível expressar, assimilar e construir a realidade. (FREITAS E SALVI, 2007, p. 4)

Já para Luckesi (2000, p.97) a ludicidade “é representada por atividades que propiciam experiência de plenitude e envolvimento por inteiro, dentro de padrões flexíveis e saudáveis”.

Ao se trabalhar com atividades mais próximas do cotidiano dos alunos, e direcionando suas projeções mentais para a realidade que os cerca, os mesmos tendem a assimilar os conteúdos mais facilmente com base nos conhecimentos empíricos que cada um traz, desta forma o educador desenvolve uma metodologia de ensino nas premissas da *Aprendizagem Significativa* de David Ausubel (ano 1968).

Ao contrário de uma aprendizagem mecânica ou repetitiva, é muito mais significativa à medida que o novo conteúdo é incorporado às estruturas de conhecimento de um aluno e adquire significado para ele a partir da relação com seu conhecimento prévio, uma vez que se produziu antes essa incorporação e atribuição de significado, e o novo conteúdo passa a ser armazenado isoladamente ou por meio de associações arbitrárias na estrutura cognitiva.

Para que haja aprendizagem significativa, duas condições são necessárias: A primeira delas é que o aprendiz precisa estar disposto a aprender, pois se o indivíduo quiser memorizar o conteúdo arbitrariamente e literalmente, então a aprendizagem será mecânica. Em segundo, o conteúdo escolar a ser aprendido tem que ser potencialmente significativo, ou seja, ele tem que ser lógico e psicologicamente significativo: o significado lógico depende somente da natureza do conteúdo, e o significado psicológico é uma experiência que cada indivíduo tem. Cada aprendiz faz uma filtragem dos conteúdos que têm significado ou não para si próprio.

Para Freitas e Salvi,

A aprendizagem significativa caracteriza-se pela interação de uma informação a um aspecto relevante da estrutura cognitiva do aprendiz. Uma informação é aprendida de forma significativa, quando se relaciona as outras idéias, conceitos ou proposições relevantes e inclusivos que estejam claros e disponíveis na mente do aprendiz. (FREITAS E SALVI, 2007, p. 3)

Sobre atividades lúdicas e ensino de Geografia, Sommer (2003) propõe uma atividade para desenvolver conceitos de orientação espacial. A autora desenvolve um exercício lúdico com base na brincadeira popular de caça ao tesouro, para ela “este tipo de brincadeira visa construir e internalizar conceitos relativos a orientação, a partir de um ponto de referência – a Rosa dos Ventos – dentro de um espaço conhecido.” A atividade foi aplicada em uma escola pública de Porto Alegre, e consistia basicamente em encontrar “um tesouro” utilizando de referenciais espaciais com o uso de uma planta local em um croqui. Para a professora, a atividade foi muito satisfatória e despertou muito o interesse dos alunos. Ela salienta que “o encanto desta atividade foi percebido na vontade de participar, descobrir e aventurar-se no pátio da escola (espaço).” (p. 127)

Andrade (2009) ao desenvolver a atividade lúdica no projeto *Caravana Ecológica*, em parceria com a Petrobrás, busca envolver alunos, professores, empreendedores e diferentes integrantes da sociedade civil no Rio Grande do Norte, para as questões ambientais no estado e seus riscos no presente e no futuro por meios de jogos e atividades lúdicas. Para a autora, a construção do conhecimento deve ocorrer também fora das salas de aula, conforme o trecho abaixo:

A sala de aula não é, e nem deve ser, o único espaço para construção do saber. Deve-se ultrapassar seus limites, pois é observando a realidade socioespacial e econômica, por exemplo, que se compreende a importância do saber, em qualquer área do conhecimento, e sua contribuição para a sociedade. (ANDRADE, 2009, p.1)

É de extrema importância que trabalhos como estes sejam publicados e apresentados nos eventos, que ocorra troca de experiências entre os profissionais de ensino, pois, assim dinamiza a capacidade de que novas atividades sejam pensadas e inspiram todos os envolvidos no planejamento e execução das aulas lúdicas.

2.2.O Espaço Geográfico em Imagens

Neste tópico discutirei as representações em Imagens do Espaço Geográfico. Oliveira Jr.(2011) discute que as imagens sempre têm um papel importante, à medida que nunca são vazias de significados, elas sempre trazem consigo uma explicação, ilustração, informação ou uma comunicação qualquer. Para Berger (apud Oliveira Jr. 2011, p.15) Berger, “uma imagem é uma vista que foi recriada ou reproduzida”. Há muito tempo, elas são utilizadas pelos seres humanos, em alguns períodos mais valorizadas pela humanidade e em outros menos. Com toda a certeza, as imagens são produções culturais de extrema importância, e não apenas difusoras e a serviço da lógica do capital, embora que, muito contribuíram neste sentido.

Para Oliveira Jr.(2011) as imagens possuem um grande poder de informação e comunicação. Por muitas vezes, é por meio da utilização de imagens que a transferência de conhecimento é facilitada. Em todo texto em que imagens são utilizadas, seja este o mais básico até o que possui maior nível de dificuldade, as imagens servem como ponte para EXPLICAR, ILUSTRAR, INFORMAR E COMUNICAR partes do texto. As imagens fazem com que haja um leque de possibilidades para o aprendizado, onde o leitor pode pensa-las e entende-las de diversas formas de acordo com o seu capital cultural.

No que dizem respeito ao campo da Educação, as imagens aparecem com potência educativa, mas também tendo em si certa subjetividade de pensamento. Já em relação ao campo da Geografia as imagens podem servir para ilustrar fenômenos de interesse geográfico, partindo do princípio de que elas atuam com sensibilidade, baseadas na realidade que vivemos.

Para demonstrar em aula para os alunos um pouco do que é a Geografia atual, Oliveira Jr. (2011) se utilizou o que ele chama de “**geografias menores**” que nada mais são do que algumas experimentações em vídeo e em palavras das geografias da atualidade, como por exemplo, o que tem sido nossa política.

O autor supracitado acima aponta que as imagens são muito importantes para a prática de ensino, pois faz com que as pessoas criem vínculos com os lugares, fenômenos e objetos que são apresentados nestas imagens, jogando muito com as sensações pessoais.

No contexto de estudo do autor, a palavra “imagem” se caracteriza como um material, ou seja, uma obra palpável aos olhos. Palpável aos olhos, pois é a eles que elas se destinam em primeiro lugar. As imagens nos possibilitam ler o mundo através de sua apresentação.

Massey (2008) aponta que é através de imagens que conseguimos representar o estático, como por exemplo fotos de um lugar visitado a algum tempo como se ele assim o fosse.

Segundo Gross (1981-2) apud Massey (2008):

Para Bergson, a mente é, por definição, orientada espacialmente. Mas tudo o que é criativo, expansivo e fértil não o é. Daí que o intelecto jamais pode nos auxiliar a alcançar o que é essencial, porque ele mata e fragmenta tudo o que ele toca.... Temos, conclui Bergson, de fugir da espacialização imposta pela mente para poder recuperar o contato com o cerne de viver verdadeiramente, que subsiste apenas na dimensão do tempo (Gross 1981 *apud* Massey 2008, p.44),

Assim através de imagens podemos representar o espaço geográfico, a autora concebe o espaço como “dimensão de trajetórias múltiplas, uma simultaneidade de estórias até agora”. Ela ainda trabalha com as ideias Ernesto Laclau (1990) apud Massey o qual acredita que espaço “é equivalente à representação que, por sua vez, é equivalente ao fechamento ideológico.”

Massey(2008),procura questionar a equivalência entre espaço e representação. Para que seja feita a discussão desse ponto tão inquestionável, a autora irá se basear em três pontos, que são eles: a perspectiva histórica, a estabilidade do espaço-tempo, e por último sua multiplicidade discreta.

Segundo Massey(2008), questiona a concepção de que o espaço é visto com menos importância que o tempo, sendo o tempo mais abstrato e o espaço menos abstrato e material. Nesta concepção o espaço é subordinado ao tempo, devido a sua falta de temporalidade. Afirma que o espaço hegemoniza o tempo, porém não pode ocorrer o contrário, pois acredita que a vitória é do espaço sobre o tempo. Porém Massey refuta essa ideia, já que a vida não é só espaço, mas também tempo. Massey debate sobre essa dualidade tempo versus espaço:

O termo supostamente mais fraco de um dualismo oblitera as características positivas do mais forte, o significante privilegiado. E o faz através da fusão do espacial com a representação. O espaço conquista o tempo ao ser estabelecido como a representação da história / vida / o mundo real. Nesse espaço de leitura há uma ordem imposta sobre a vida inerente do real. A ordem (espacial) oblitera a desarticulação (temporal). A imobilidade espacial silencia o devir temporal. É, porém, a mais terrível vitória de Pirro. Pois no exato momento de seu triunfo conquistador o “espaço” é reduzido à estase. A própria vida e, certamente, a política, são dele arrancadas. (MASSEY, 2008, p.46)

Segundo Massey (2008), temos buscado novas grafias e pensamentos espaciais que alcancem lidar com o espaço em uma “imaginação alternativa”. Ainda segundo a autora op. Cit (p.35) se faz necessário “arrancar o espaço daquela constelação de conceitos em que ele tem sido tão indiscutivelmente envolvido e enfim tentar o estabelecer dentro de outro conjunto de ideias, onde seja liberada uma paisagem política mais desafiadora.”

De acordo com Pontuschka (2007, p.311). “a leitura das paisagens in lócus, das fotografias frontais, oblíquas, verticais e das imagens de satélites permite aproximar os documentos geográficos da realidade dos alunos”.

Segundo Cruz, Silva e Cunha (ano, p. 29), a utilização de imagens, por serem uma “rica fonte de informação a disposição dos professores”, vem aumentando o interesse dos mais variados profissionais ligados à educação, e possibilita que os alunos tenham uma compreensão melhor do espaço vivido nas suas práticas cotidianas. As imagens sem dúvida, expressam um recorte temporal do

espaço geográfico, e segundo os autores se tornam importantes aliadas no entendimento e compreensão das transformações do espaço, possibilitados pela observação de uma paisagem.

Nesta perspectiva, Santos (1998) ressalta que

Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança é paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc. (...) A percepção é sempre um processo seletivo de apreensão. (SANTOS, 1998, p.61)

Rodrigues, Santana e Erthal (2005) afirmam que as imagens podem ser utilizadas como dinamizadoras das aulas a partir de seu uso concomitante a outras linguagens. Os mesmos autores nos acrescentam que o uso de imagens é extremamente importante para a etapa do desenvolvimento cognitivo pela qual passam os alunos dos últimos anos do ensino fundamental e do ensino médio.

Já Musoi (2008) indica que a Geografia, enquanto uma disciplina plural na qual são utilizadas diversas categorias, conceitos, linguagens e métodos de compreensão do espaço, deve-se utilizar também dessa gama de meios .

Tratada como uma inovação necessária por Rodrigues, Santana e Erthal (2005) e Musoi (2008) diante o desinteresse pelo saber e pela cristalização das práticas tradicionais de ensino como a exposição oral, leitura do livro didático e memorização o uso de imagens no ensino deve ser visto como uma alternativa complementar.

Rodrigues, Santana e Erthal (2005) justificam a necessidade de inovação tendo o uso de imagens como cerne devido ao constante bombardeamento que as imagens midiáticas exercem sobre os indivíduos atualmente. Sendo essas imagens midiáticas, muitas vezes vazias de conteúdo pedagógico, mais atrativas para os jovens do que aquelas apresentadas em livros didáticos.

Ou seja, estes autores reconhecem a importância das imagens como linguagem direcionada aos jovens de fácil captação, pois não dependem exclusivamente do conhecimento do código de linguagem. Então, buscam utilizar delas como um instrumento que contribua para a o ensino de Geografia.

Algumas fontes utilizam o conceito de paisagem como embasamento para a discussão do uso de imagens para o ensino. Podemos afirmar que a paisagem é um

conceito importante para o ensino de geografia, sobretudo porque o universos de imagens disponibilizadas atualmente também possibilitam indagar e refletir sobre as mais diferentes paisagens. Uma fotografia, por exemplo, capta uma parte da paisagem, ainda que não possa dimensionar toda a complexidade dessa categoria, conceituada como “o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos odores, sons e outros” (SANTOS, 1988, p.61).

A paisagem, desarticulada de uma mera visão corográfica nos indica que o uso das imagens, principalmente de fotografias, pode ser um caminho para a compreensão do espaço, desde que munida de outras linguagens e principalmente da sua contextualização. Ou seja, o uso da imagem como um instrumento de ensino viabiliza o contato dos alunos com o conhecimento geográfico a medida que dialoga com o conceito de paisagem e incentiva o uso de várias linguagens, tornando dessa forma, o ensino de Geografia mais democrático.

Para Raffestein (1993) enquanto o território é determinado como um subconjunto do espaço, haja vista sua formação depender da existência do outro, e seja marcado pelas relações de poder e pelo modo de produção, o espaço é definido como algo intrínseco e intangível – a “prisão original” do homem. Portanto, “o território é um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder”

Inerente à psicologia humana está o que o autor chama de “sistemas sêmicos”, ou seja, formas simbólicas continuamente utilizadas durante a história como ferramenta de dominação, sejam elas de forma voluntária ou não. Essa forma de representação – denominada “imagem” – se caracteriza pela sua versatilidade, tendo em conta sua natureza “letárgica-móvel”: ainda que apresente apenas um propósito, a obtenção de poder, sua forma muda consoante a visão do seu inventor, um ator condicionado aos processos sociais do tempo no qual pertence. Nesse contexto, “toda construção da realidade (imagem, cartografia etc.), é um instrumento de poder e isso desde as origens do homem”

Cabe salientar que o uso de imagens isoladamente, sem sua contextualização, pode se tornar um meio de criação de estereótipos, visto que a percepção do conteúdo imagético é individual (Musoi, 2008). Além disso, é

necessário o afastamento do uso desses instrumentos de sua função tradicional, apenas como ilustração e fonte de memorização.

2.3. Fotografia

Devido à obtenção fácil e, sobretudo a possibilitar de trabalhar com conceitos e temas essenciais na Geografia, a Fotografia também se consolida como um prestigioso recurso didático no Ensino da disciplina. Travassos (2001, p.1), discute a eficácia da fotografia no Ensino de Geografia, para ele “A Geografia, auxiliada pela arte de fotografar pode nos indicar de que maneira podemos olhar a paisagem e levar o aluno a desbravar o mundo além da sala de aula.”

À medida que a fotografia possibilita a “materialização” de uma localidade que alguns jamais pisara, ela possibilita uma análise em várias vertentes da Geografia dos lugares mais variados possíveis, e nos tempos atuais com o advento da internet podemos encontrá-las com grande facilidade.

Outra grande vantagem da fotografia nos estudos geográficos é a oportunidade de realizar análises e discussões em diferentes recortes temporais. Vale salientar, que inúmeros temas a serem abordados na Geografia Escolar necessitam do aparato visual, sobretudo o estudo das paisagens e do espaço geográfico.

Segundo Santos e Chiapetti (2011, p.176)

Podemos comparar as transformações ocorridas no espaço urbano da cidade, em que moram os alunos, através de fotografias de diferentes momentos da história, identificando os agentes que atuaram/atua naquele espaço, de acordo com suas necessidades e interesses. (SANTOS e CHIAPETTI, 2011, p.176)

Abordando em sala de aula diferentes fotografias, o professor tem a oportunidade de direcionar e estimular as potencialidades de cada aluno, estimulando sua capacidade crítica e reflexiva.

A fotografia que é um recorte de um determinado espaço é uma representação daquele lugar que possibilita uma imaginação do real muito próxima do que ele realmente é,

pode-se dizer, inclusive, que estes materiais didáticos participam da criação e/ou manutenção do lugar social de alta credibilidade das fotografias para dizer do real. Ao dispô-las como provas visuais da existência de fenômenos e estruturas em cada lugar do planeta, os livros didáticos nos educam para ver as fotos como provas visuais, evidências críveis em si mesmas. Assim como as fotografias, cada uma das obras em diferentes linguagens que aparecem nos materiais didáticos está ali a construir não só o conhecimento geográfico, mas também o conhecimento (e o significado social) acerca da própria linguagem na qual estas obras – mapas, histórias em quadrinhos, textos escritos, gráficos, charges, etc. – ganharam existência. Desta forma, cada linguagem é alçada aos lugares de maior ou menor credibilidade na e para a construção do conhecimento geográfico, criando ou ratificando hierarquias sociais entre as várias linguagens. (OLIVEIRA JR, MACHADO e GIRARD, 2011, p. 5)

2.4. A Dramatização na compreensão espacial

Pensar a linguagem corporal fora das aulas de Educação Física como ferramenta eficaz no ensino escolar, embora que não convencional vem se mostrando uma ótima possibilidade de dialogar com o aprendizado nos mais diferentes níveis e disciplinas.

No caso da Geografia, esta linguagem pode ser explorada de diversas formas, desde utilizar o corpo como referência no espaço, até mesmo explorar movimentos mais complexos, a expressão corporal por meio das dramatizações e asdanças das mais variadas naturezas.

Ao se estudar o espaço, é necessário compreender a sua relação com a sociedade, conforme Santos (1997), o espaço impõe sua própria realidade, e devido a isso a sociedade não pode operar fora dele. Nesta perspectiva, torna-se possível

promover a amarração de ensinoda dança como arte educativa por meioda cultura e da concepção espacial.

Dialogando diretamente com o lúdico, o teatro apresenta uma possibilidade de ser trabalhado em diferentes níveis, podendo ser um importante desenvolvedor das capacidades individuais de cada aluno dentro e fora do contexto escolar. Esta que é uma linguagem interdisciplinar permite que através do corpo você consiga explorar os referenciais do espaço e de infinitos outros temas que possam ser explorados, podendo assim a linguagem teatral ser uma ferramenta valiosíssima no Ensino da Geografia.

Torres nos chama a atenção para que o uso do teatro na escola, não necessariamente precisa ser uma grande produção ou peça, mas uma simples dramatização pode ser muito eficiente como problematizadora dos assuntos na Geografia, para ele

A dramatização consiste em uma montagem teatral simples, o que facilita sua aplicação em sala de aula. Seu uso como ferramenta didática para o ensino apresentasse como uma estratégia alternativa que auxilia as práticas escolares. Dramatizar o ensino de História e Geografia facilita o aprofundamento dos temas discutidos em sala, criando possibilidades para os professores adaptarem os conteúdos científicos à realidade e à linguagem do cotidiano dos alunos, estabelecendo maior dinamicidade ao processo de ensino e de aprendizagem. (TORRES, 2007, p.40)

No caso do teatro, esta linguagem não necessita do envolvimento de grandes recursos financeiros ou de equipamentos custosos, uma vez que com a criatividade dos professores em administrar a atividade e dos alunos, a mensagem pode atingir o público alvo com grande sucesso. A grande amplitude dos temas que podem ser trabalhados, também pode ser adaptada para todos os níveis de ensino e ao se fazer uso deste tipo de didática que mobiliza o lúdico, pode-se afirmar que a maioria dos alunos terá maior interesse pela atividade proposta, uma vez que a sala de aula se distancia por um tempo dos métodos de ensino tradicionais, se tornando um local mais dinâmico e o conhecimento alcançado de uma forma mais prazerosa.

2.5. Geografia e música

Certamente a música é um eficaz instrumento de informação e reflexão. Algumas canções podem ser excelentes recursos para serem aproveitados no Ensino de Geografia. Um bom exemplo é o trabalho de Correa (2009) que analisou letras de músicas que permitem desenvolver uma discussão geográfica na cidade do Rio de Janeiro.

Dentre as letras de músicas trabalhadas por Correa (2009), está a composição *Alagados*, que ficou popularmente conhecida com a gravação da banda *Paralamas do Sucesso*. A letra aborda entre outros aspectos pertinentes à Geografia, a questão da segregação urbana no Rio de Janeiro, evidenciando os problemas urbanos encontrados na *Favela da Maré*. Abrindo infinitas possibilidades a serem trabalhadas em sala de aula, com a temática da favelização e os problemas sociais.

Todo dia o sol da manhã / Vem e lhes desafia
Traz do sonho pro mundo / Quem já não o queria /
Palafitas, trapiches, farrapos /
Filhos da mesma agonia E a cidade que tem braços abertos /
Num cartão postal Com os punhos fechados na vida real
Lhes nega oportunidades / Mostra a face dura do mal
Alagados, Trenchtown, Favela da Maré / A esperança não vem do mar
Nem das antenas de TV / A arte de viver da fé / Só não se sabe fé em quê
(Paralamas do Sucesso, *Alagados* - Composição Hebert Vianna e Bi Ribeiro – 1986)

Devido à enorme diversidade e amplitude nos mais diferentes gêneros musicais, trabalhar com músicas (som e letra), permite uma fácil problematização nas mais diferentes escalas, sobretudo na cotidiana, chamando a atenção dos alunos para uma aprendizagem mais interativa e ajudando da formação do cidadão. O que Dohme, deixa evidente no trecho abaixo:

O uso da música como um meio de expressão, como um elemento que propicia momentos lúdicos e como este aspecto proporciona o desenvolvimento individual e o convívio em grupo. [...] Não resta dúvida que este contacto é uma forma de despertar, e poderá ser um instrumento para identificar o gosto pela música incentivando o seu estudo e aprimoramento, mas também é verdade que este uso da arte musical leva a experiências outras, como a sociabilização, desinibição, criatividade, descoberta e formação da auto-estima (DOHME, 2009, p.57/58)

As composições tendem a retratar os problemas e conflitos que uma população enfrenta em um determinado período de tempo, devido a isso a Geografia que é uma disciplina com este enfoque social e nos conflitos podem aproveitar desta característica e utilizá-la como ferramenta pedagógica. É o que sugere Costa:

Uma das vantagens de se utilizar a música na Geografia se afirma na pluralidade de assuntos abordados por esta ciência. Violência, guerras, conflitos raciais, fome, falta de infraestruturas nas cidades, belezas naturais, como também degradação ao meio ambiente, fazem parte dos temas abordados por muitos compositores... (COSTA . 2002, p.104).

2.6. Tv e Vídeo

Ao tratar deste tipo de linguagem, Cavalcanti (1998) deixa clara a importância do domínio do professor com a mídia a ser trabalhada e função daquela naquele contexto, é muito importante que ele já tenha visto o material e esteja preparado para as discussões e dúvidas possíveis que possam surgir no decorrer da aula

O importante no uso de filmes em sala de aula – seja um documentário ou uma ficção, seja um longa ou curtametragem – é ter muito claro o que queremos com a apresentação do filme, que função ele terá na aula. Algumas coisas óbvias devem ser ditas: o professor nunca deve exibir filmes que não o tenha assistido, mesmo quando é uma sugestão dos alunos – pode

se correr o risco de mostrar alguma coisa não adequada.
(CAVACANTI, 1998, p.2)

Santos e Chiapetti (2011) questionam o planejamento deste tipo de atividade e a sua finalidade. Para os autores, é importante que este momento não se torne uma simples seção de cinema para os alunos, ou mesmo um momento de descanso para o professor em meio ao cansaço do dia a dia. Um planejamento bem feito é extremamente necessário, levando em consideração o tempo disponível, a conexão do material com o conteúdo educacional proposto e principalmente atentar-se com a faixa etária do material escolhido para aquele ano.

Todos os dias somos “bombardeados” de informações por meio deste tipo de mídia, é importante discutir com os alunos a intencionalidade do veículo que a divulgou, tentando sempre buscar uma análise crítica dos alunos acerca daquele material, é um dos papéis principais do educador geográfico desenvolver em seus alunos o senso crítico de cada informação que ele recebe.

2.7. Humor Gráfico

O foco principal deste trabalho é a linguagem do humor gráfico, portanto, abordarei mais adiante em um capítulo específico apenas esta linguagem.

3. O humor gráfico

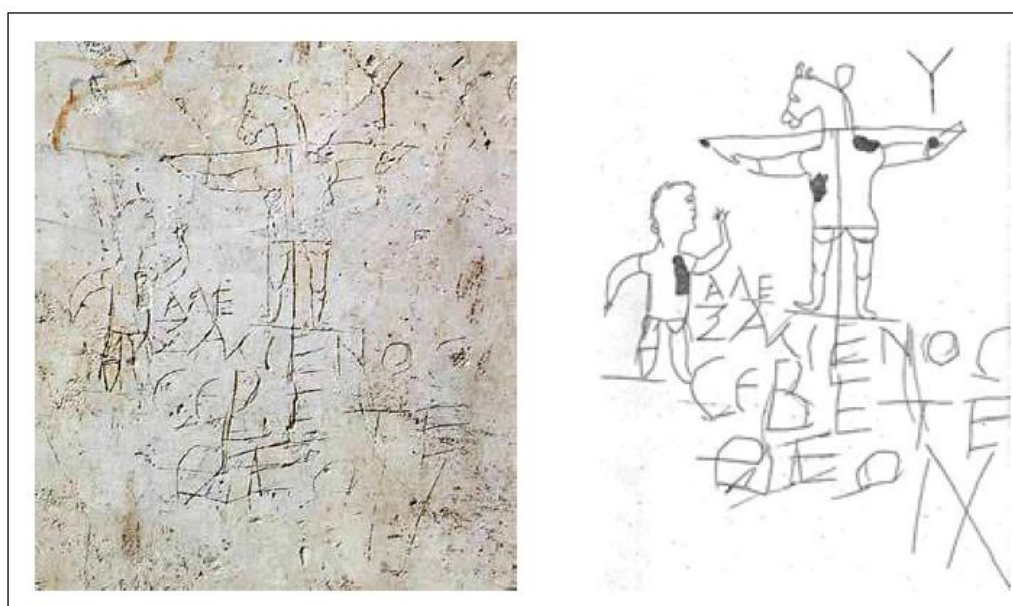
3.1. O Humor gráfico: conceituando

Não é novidade que na história da humanidade, desde a antiguidade, a representação por meio das imagens é uma ferramenta importantíssima como recurso comunicativo. Segundo Silva (2008), o *humor* já estava presente no pensamento clássico de Platão e Aristóteles, portanto, se tão antigos são a representação das imagens como recurso comunicativo e também o uso do humor

pela humanidade, muito provável que a utilização do humor nas representações por imagens possa ter ocorrido em tempos bem primitivos da história da comunicação humana.

Escavações em Roma encontraram uma representação (Figura 1.), do início da era cristã, apresenta uma significativa semelhança com uma charge contemporânea. Em um contexto em que a religião cristã ainda não era predominante, a representação claramente evidencia uma crítica ao sistema religioso, quando o governo romano decreta o cristianismo como religião oficial.

Figura 1: Escavações da Roma Antiga



Fonte: Arbach (2007)

Para Costa (2002) o humor é um artifício amplamente utilizado na história em quadrinhos, as charges e os cartuns, além, de também trazerem características peculiares de transmissão do conhecimento, e também aspectos artísticos.

Conceitualmente, podemos considerar o Humor Gráfico como uma linguagem especial: linguagem por trazer elementos comuns às outras linguagens conhecidas no contexto da comunicação; especial

por trazer traços próprios e artísticos, como, por exemplo, a presença de imagens, distorções, rupturas discursivas, entre outras características apresentadas neste estudo. Baseado no uso da imagem, de forma intencionalmente estilizada e cômica, pode apresentar-se em forma (COSTA, 2002, p.2)

Costa (2002), ao trabalhar com o humor, lista outra sequência de ferramentas discursivas, que aparecem com frequência nos materiais que utilizam do humor gráfico.

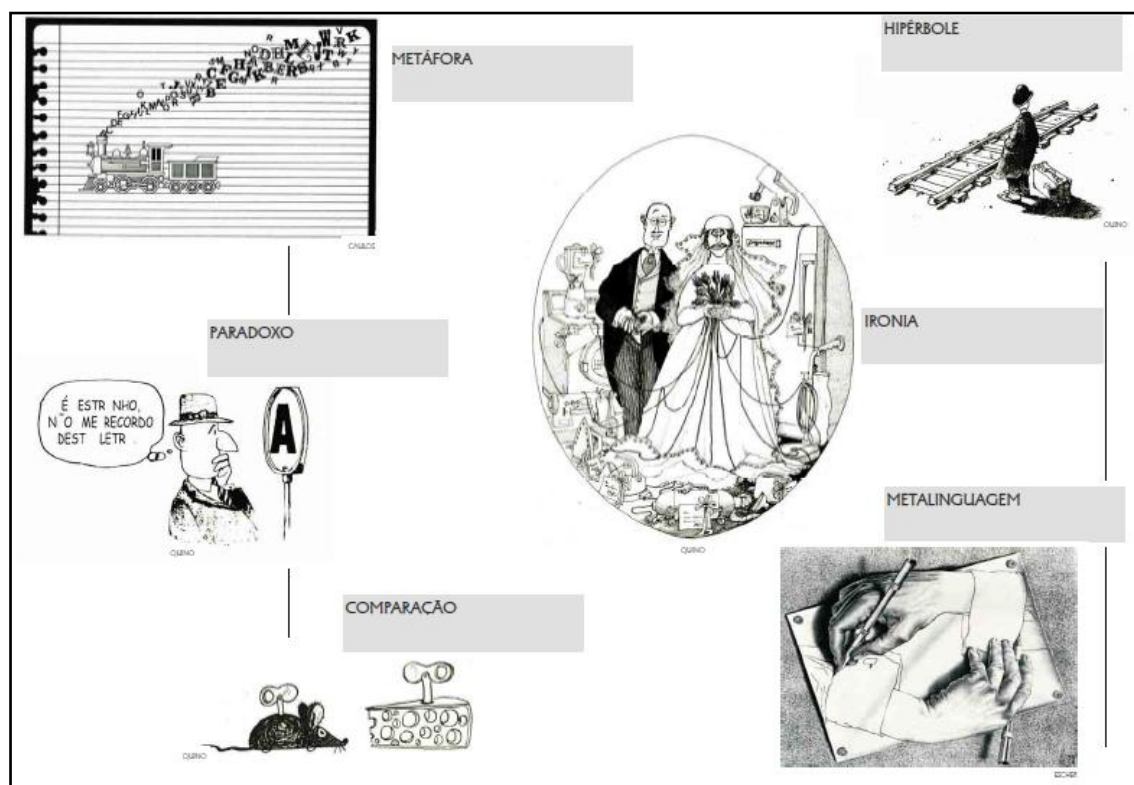
A partir dos tópicos rapidamente abordados nesse breve trabalho, poderíamos listar uma longa sequência de outras estratégias discursivas, freqüentemente utilizadas na obra de Humor Gráfico, tais como a ambigüidade/duplo sentido; a paródia; a síntese (uma vez que o humor dificilmente comporta uma estrutura prolixa); a estilização, entre muitas outras. (COSTA, 2002, p.9)

O discurso de Costa é baseado no humor e, em associação com diferentes estratégias, torna-se uma ferramenta importante no ensino-aprendizagem, seja de qualquer disciplina escolar, inclusive na Geografia,

Parece ser, portanto, através da composição de estratégias múltiplas e combinadas que a linguagem do Humor Gráfico se constitui, trazendo, porém, uma mesma sensação, que independentemente de análises formais e sisudas, parece sempre indicar que rir...AINDA É O MELHOR REMÉDIO! (COSTA, 2002, p.9 – Destaque do autor)

Caco Xavier (1997), propõe uma divisão em seis tópicos (Figura 2) e qualquer aspecto do *Humor Gráfico* estará sempre enquadrado de forma predominante em um deles: i) A *metáfora* – um elemento qualquer ocupando o lugar de outro; ii) A *hipérbole* – Um elemento ou situação qualquer sendo apresentada de maneira exagerada; iii) O *paradoxo* – conciliação de duas leis antagônicas e inicialmente inconciliáveis; iv) A *ironia* – Algo transmitindo idéia contrária ao que comumente significa; v) A *comparação* – situação ou elementos similares ocupando o mesmo espaço; e vi) a *Metalinguagem* – o desenho tem como tema seu próprio processo de realização.

Figura 2: Humor gráfico e suas figuras de linguagem



Fonte:Arbach (2007)

3.2. Concepções de Humor Gráfico

Arbach(2007) propõe uma categorização em cinco formas de aparecer o humor gráfico, o que o autor chama de concepções: caricatura, charge, cartum, desenho de humor e quadrinhos. O autor trabalha com a etimologia da palavra *caricatura*, para discutir o seu significado. A palavra que se origina do latim – *caricare*– a ação de carregar, assume nesta perspectiva o significado de “impor uma carga sobre algo, dando entendimento de exagerar”. Esse exagero é utilizado na maioria das vezes para exaltar alguma característica física, como artifício para caracterizar desde pessoas, objetos e construções, tornando possível a identificação de maneira humorística.

Por essa interpretação a caricatura seria então aquela imagem em que se carregam os traços mais evidentes de um fato ou pessoa, com a finalidade de levá-la ao riso (...) e firmaram-se através do desenho personalizado. (ARBACH, 2007, p.131)

Figura 3: Caricatura do Jogador de Futebol Ronaldinho Gaúcho



Fonte: Portal Lance!.(Disponível em:<http://blogs.lance.com.br/charges/tag/ronaldinho-gaucho/>)

No caso da caricatura acima (fig. 3) o autor exagera em alguns traços físicos marcantes da personalidade a ser representada, em questão, o jogador de futebol Ronaldinho Gaúcho. Observa-se um exagero e atributos que não estão de acordo com a proporcionalidade real do indivíduo, a cabeça é representada quase do mesmo tamanho do restante do corpo e a boca e o sorriso, que são traços marcantes do jogador, são representados em um tamanho muito maior que a real proporção com o restante do corpo, o intuito do autor é destacar essa característica para uma identificação mais fácil pelo leitor além de trazer certo tom de humor nessa desproporcionalidade.

A *charge*(figura 4)é apresentada como uma “representação pictórica”, ou seja, uma representação que faz uso do humor satírico, tendo como principal objetivo a

crítica de alguma situação, personalidade ou acontecimento. Sendo criada com base em fatos verídicos. “É a reprodução gráfica de uma notícia já conhecida do público”.

No caso da charge apresentada abaixo, observamos uma situação de humor gráfico em que há uma crítica aos altos preços cobrados pelos IPTUS no país. O autor utiliza-se de uma situação de descontentamento popular e ocorre ao exagero

Figura 4: Charge IPTU



Fonte: Arionauro Cartuns Disponível
em: (http://www.arionaurocartuns.com.br/charge_iptu.shtml)

Já o *cartum* (figura 5) tem como principal objetivo o riso do leitor, não necessariamente precisa ter quaisquer vínculos com a realidade. Arbach caracteriza um cartum, como “uma anedota gráfica, (...) que representa uma situação criativa que penetra no domínio da invenção”. Pode ser definido como uma expressão gráfica de uma narrativa humorística.

Figura 5: Cartum de Atistides Dutra.



(Fonte: <http://www6.ensp.fiocruz.br/radis/revista-radis/95/cartum/>)

O *desenho de humor*, diferentemente do cartum não tem como principal objetivo “conseguir o riso” de quem o lê, para Arbach, ele é em si próprio uma obra de arte, com o intuito de levar à reflexões, com um enfoque social, muitas vezes aparecendo para ilustrar questões filosóficas.

Figura 6: Desenho de Humor Cavalo- tubarão



(Fonte: <http://antigo.blumenews.com.br/index.php/capa/item/5118-o-cavalo-com-corpo-de-tubarao>)

Por fim, os *quadrinhos* é uma narrativa em sequência, apresentados por imagens que seguem uma lógica. Em alguns casos, os quadrinhos são complementados por ferramentas como legendas e balões de diálogos, ou de pensamentos e todas as demais concepções já apresentadas podem aparecer em um ou mais quadrinhos de uma determinada história.

As histórias em quadrinhos são um dos elementos mais populares do humor gráfico, com grande acessibilidade e difusão. Um dos clássicos das histórias em quadrinhos no Brasil são as histórias da *Turma da Mônica*, do popular escritor Maurício de Sousa, que eram apresentadas em sua maioria, nos populares gibis, que são lidos por crianças e adultos.

Na história abaixo (figura 7), observa – se uma sequência lógica de três quadrinhos que utiliza de elementos característicos do humor gráfico, como os balões de diálogo em um contexto que nos leva a rir.

Figura 7: Posso te pintar?

TURMA DA MÔNICA

Maurício de Sousa



(Fonte: <http://companheirosdaeducacao.blogspot.com.br/2014/08/historia-em-quadrinhos-turma-da-monica.html>)

3.3.O Humor gráfico na educação e no Ensino de Geografia

O humor gráfico em todas as suas concepções aparece bastante como linguagem utilizada no processo de ensino-aprendizagem. Embora seja utilizado na educação de maneira constante, esta linguagem ainda é pouco explorada ao se pensar na potencialidade que ela pode oferecer no contexto escolar.

A linguagem em quadrinhos, para Silva (2007) tem grande aprovação pelos estudantes, e é de acesso fácil para os alunos, uma vez que boa parte dos mesmos e suas famílias possuem esse tipo de linguagem nos gibis, e também estão presente em diversos meios de comunicação, já tendo certa familiaridade.

Uma vez que os quadrinhos apresentam-se como uma linguagem acessível e apreciada pelos estudantes em geral, com recursos visuais e textos enxutos que permitem análises aprofundadas de

vários assuntos, é importante que sejam devidamente explorados como recursos didático-pedagógicos (SILVA, 2007, p.4)

No ensino de Geografia, o humor gráfico aparece em diferentes concepções. Silva, em seu artigo de 2007, aborda a importância do uso desta linguagem, como um instrumento de apoio importante ao ensino de Geografia. A autora propõe o uso destes como recurso didático auxiliar na relação ensino-aprendizagem, colaborando para a análise de diversas categorias e escalas geográficas.

O cartum, a charge e os quadrinhos retratam muitas situações, que podem ser analisadas em várias escalas (local, regional, nacional ou mundial). Notamos que a maioria dos alunos gosta desse tipo de recurso didático, quando usado de forma complementar aos conteúdos estudados. (SILVA, 2007, p.42)

Silva (2007) ainda ressalta que a oportunidade do ensino e estudo geográfico, com artifícios que o torna mais criativo e divertido, se aproximando dos alunos e possibilitando maior envolvimento e interesse dos mesmos. O Humor gráfico permitir o desenvolvimento do pensamento crítico, conforme defendido pela autora

Tiras de quadrinhos, cartuns e charges deveriam ser mais utilizados para se ensinar Geografia. Esta oportunidade de reunir criatividade e diversão, com uma significação mais próxima dos alunos, pode resultar em maior envolvimento e interesse pelo estudo de Geografia. A leitura das imagens e texto dos quadrinhos e charge permite a reflexão e desenvolvimento do pensamento crítico e pode ser considerada uma linguagem alternativa para a Geografia escolar. (SILVA, 2007, p.44)

A *Mafalda* é uma das personagens mais populares e muito utilizada também no humor gráfico escolar, inclusive é uma das referências mais importante acerca dos estudos do humor gráfico para o ensino de Geografia.

No artigo, *O mundo em Mafalda, ensinando e aprendendo Geografia através de outras linguagens*, Souza e Souza, abordam a importância do uso de linguagens que apresentem outras possibilidades do que o ensino conteudista para o ensino de Geografia, com enfoque nas tirinhas da personagem Mafalda.

Souza e Souza (2011, p.23) defendem que ao se utilizar das tirinhas da Mafalda como recurso didático nas aulas de Geografia da Educação Básica, é possível realizar um ensino e aprendizagem mais “contextualizado, significativo, prazeroso, dinâmico e reflexivo.” Sendo que as tirinhas trazem consigo a possibilidade da junção do discurso geográfico com as abordagens nelas retratadas. *“Cremos que explorando o mundo de Mafalda estaremos criando outras possibilidades para o Ensino de Geografia”* – complementam.

Barbosa (2013) analisa as histórias em quadrinhos nos livros didáticos de geografia dos anos iniciais do ensino fundamental. Para a autora a utilização das histórias em quadrinhos

O ensino de geografia nos anos iniciais aborda principalmente o espaço vivido pelo aluno, é uma introdução da concepção de espaço e tempo, com isso é importante que nesse primeiro contato com a geografia o aluno inicie a compreensão de que é um agente ativo nas transformações do espaço geográfico. As Histórias em Quadrinhos, utilizado como recurso nesse primeiro ciclo, potencializa a aprendizagem do educando, pois contribui para ampliar a sua criatividade e despertar sua curiosidade proporcionando uma maior concentração e atenção dos discentes na hora da aula, além disso, boa parte dos livros dispõe desse material, facilitando assim sua aplicação em sala. (BARBOSA, 2013, p.5)

3.4.O Estado da Arte sobre Humor Gráfico nos Encontros Nacionais de Prática de Ensino de Geografia (ENPEG - (2009, 2011 e 2013)

Neste tópico, tratarei dos trabalhos que abordam a temática humor gráfico ou utilizam de algum de seus elementos nos anais dos ENPEGs – Encontro Nacional de Práticas de Ensino de Geografia - dos anos de 2009, 2011 e 2013.

O evento que é considerado o maior do país na área de Ensino de Geografia, é realizado a cada dois anos e conta com a participação de profissionais de todo o país e de diferentes níveis dessa área da Geografia, além de ter uma abordagem bem ampla dentro do Ensino de Geografia. As três edições analisadas ocorreram

nas cidades de Porto Alegre, Goiânia e João Pessoa, respectivamente, indicando a grande influência do evento a nível nacional, com trabalhos oriundos de todas as regiões do país.

Embora os trabalhos que discutam as diferentes linguagens no ensino de geografia representem um percentual pequeno no total de trabalhos apresentados nessas três edições do evento, a linguagem do Humor Gráfico vêm se mostrando presente e se consolidando como uma importante aliada na diversificação dos modos de se ensinar a Geografia nas escolas.

Nas três edições do evento, onze trabalhos que abordam o humor gráfico foram identificados. Esses trabalhos apresentam algum dos elementos do humor gráfico e/ou discutem a temática.

Nos trabalhos apresentados na primeira edição analisada, em 2009, Lima, Oliveira e Ribeiro (2011), e Batista (2011), trazem apenas charges nos seus trabalhos, em ambos os casos, as charges apresentadas, aparecem como elementos complementares na discussão de outras temáticas principais.

Na edição de 2011 do ENPEG, realizado em Goiânia, Dias (2011) e Souza (2011), utilizam de histórias em quadrinhos. No caso da primeira autora apresenta uma discussão da importância da história em quadrinhos e sua eficiência no Ensino da Geografia. Já Pinto (2011) embora discuta o uso do Humor Gráfico como linguagem para a interdisciplinaridade e educação ambiental no Ensino Fundamental, não utiliza de nenhum elemento do humor gráfico em seu trabalho, apenas desenvolve seu trabalho na linguagem escrita.

O ENPEG de 2013 representou um pequeno aumento no número de trabalhos que abordam, de alguma forma, o Humor Gráfico, seja em teoria ou utilizando de seus próprios elementos na construção dos trabalhos.

O evento de 2013 apresentou uma tendência a trabalhos que abordam o humor gráfico como recurso didático para o ensino de algumas temáticas específicas na Geografia, enquanto que os eventos anteriores os trabalhos publicados discutiam a importância da diversificação das linguagens utilizadas no Ensino de Geografia e a importância do Humor Gráfico.

O trabalho de Pereira e Pereira(2013) aborda o uso de história em quadrinhos como recurso para o ensino da Geografia Política. O trabalho de Alves e Silva (2013) analisa as histórias em quadrinhos do jornalista e cartunista Joe Sacco, e

como seus quadrinhos podem contribuir para o facilitar a compreensão dos conceitos da geopolítica e geografia política, com foco nas questões conflituosas recentes da Palestina.

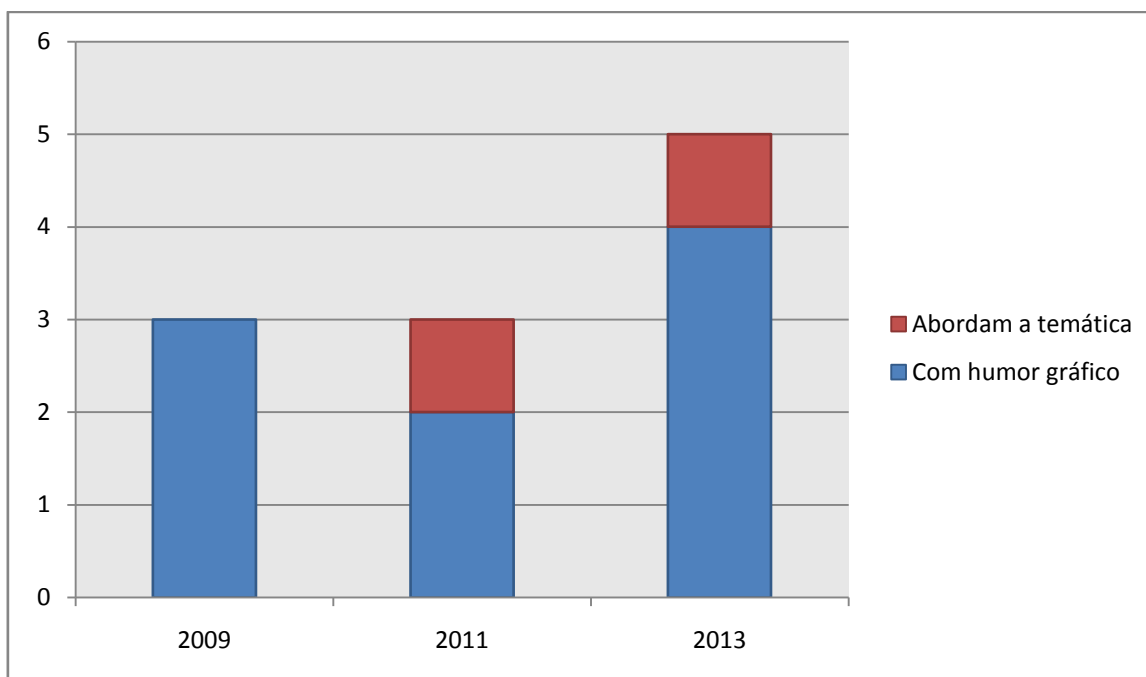
Paiva, Ferreira e Ribeiro (2013), no trabalho intitulado *As histórias em quadrinhos como ferramenta de compreensão da Guerra Fria*, discute o uso dessa linguagem como ferramenta didática aplicada aos conteúdos da geografia, com ênfase no conteúdo relativo à Guerra Fria, através das atividades realizadas no Programa PIBID em uma escola estadual em Belém do Pará.

Os trabalhos apresentados no ENPEG de 2013 mencionados acima, embora expandam as possibilidades da utilização do humor gráfico na problematização de temáticas dentro da Geografia, expõem o grande uso desta linguagem em conteúdos relacionados com a Geografia política e o baixo aproveitamento em outros conteúdos da geografia escolar.

Acredito que isso ocorre pela popularização dos assuntos políticos pela mídia a todo momento, assim a produção de humor gráfico para atender a demanda desses veículos de comunicação ocorre em uma quantidade muito maior que de outros conteúdos da Geografia. Portanto a disponibilidade do humor gráfico em assuntos da Geografia Política é significativamente maior que a de outros.

Abaixo, mostrarei um gráfico que representa a evolução dos trabalhos que utilizam do humor gráfico ou que abordem a temática.

Gráfico 1: Número de trabalhos dos ENPEGs de 2009, 2011 e 2013 que utilizam do humor gráfico ou que trazem um dos seus elementos



Fonte: Elaboração própria.

4. Prática Pedagógica

Neste capítulo, apresentarei uma prática pedagógica que desenvolvi como atividade integrante do PIBID Geografia da Unicamp, que consistiu no desenvolvimento de uma atividade prática de produção de Humor Gráfico para desenvolver conteúdos trabalhados nas aulas de Geografia por alunos do 9º ano A da Escola Estadual Prof. Horta Lisboa, com o apoio do Prof. Ederson Bringuenti.

Dentre os temas principais trabalhados em sala de aula pelo Prof. Ederson - *Racismo, Fronteiras e Globalização*, foi proposto para os alunos produzirem um dos elementos do humor gráfico para lançar uma discussão e chamar a atenção sobre um dos temas abordados pelo Professor.

Boa parte dos trabalhos produzidos teve resultados bem interessantes e dialogaram com o referencial teórico aqui já desenvolvidos, à medida que os alunos que mostraram mais interessados que nas aulas expositivas, e a grande maioria deles souberam transmitir a mensagem que desejavam, sem deixar de lado, obviamente o conhecimento adquirido nas aulas.

Segundo Cavalcanti (1998, p. 129) “a geografia na escola deve estar, voltada para o estudo de conhecimentos cotidianos trazidos pelos alunos e para seu

confronto com o saber sistematizado que estrutura o raciocínio geográfico”.Esta passagem corrobora com os resultados dos trabalhos em que as vivências dos alunos apareceram fortemente atreladas ao conteúdo, sendo fundamental na aprendizagem significativa desses alunos.

Como bolsista do PIBID e futuro docente, a experiência de planejar e aplicar uma prática como esta, além de acompanhar e auxiliar as aulas do professor, foi de grande proveito e de crescimento pessoal e profissional, pois agregou muito à minha formação de futuro docente e no meu amadurecimento pessoal. Friso que o contato com a sala de aula que programas como o PIBID proporcionam é de extrema importância e a manutenção desses programas é fundamental na consolidação de bons profissionais no futuro e contribuirá diretamente na tão almejada melhora na educação no país.

Apesar dos alunos apresentarem uma discussão em relação aos temas selecionados, os trabalhos expressaram as subjetividades de cada um deles e revelaram situações em que os discentes estão inseridos no sistema ou nos grupos sociais e *tribos* que eles se encontram ou são excluídos.

Na charge apresentada no trabalho 1, o aluno apesar não utilizar cores expõe uma situação, que infelizmente é muito comum nas casas noturnas e em outros estabelecimentos de todo o Brasil e em diferentes partes do mundo: a seleção de clientes por sua cor, orientação sexual e em alguns até mesmo pela aparência ou vestimentas.

Milton Santos nos chama a refletir sobre as condições que os negros enfrentam simplesmente por serem negros no Brasil, o que para o autor é conviver sempre com o “olhar enviesado”, e o conformismo da sociedade em que o negro esteja ocupando as partes de baixo da pirâmide social, por isso que em lugares como casas noturnas e demais estabelecimentos comerciais voltados para as classes mais altas é comum, infelizmente, nos depararmos com este tipo de estranhamento em relação ao negro naquele local.

Ser negro no Brasil é, pois, com frequência, ser objeto de um olhar enviesado. A chamada boa sociedade parece considerar que há um lugar predeterminado, lá em baixo, para os negros e assim tranquilamente se comporta. Logo, tanto é incômodo haver permanecido na base da pirâmide social quanto haver "subido na vida". Pode-se dizer, como fazem os que se deliciam com jogos de palavras, que aqui não há racismo (à

moda sul-africana ou americana) ou preconceito ou discriminação, mas não se pode esconder que há diferenças sociais e econômicas estruturais e seculares, para as quais não se buscam remédios. (SANTOS, 2002, p.2)

Os negros sofrem ações preconceituosas que ocorrem de maneira naturalizada no Brasil, mas nunca são caracterizadas como o racismo que deveriam ser. Assim, Milton Santos descreve o racismo que ocorre concomitantemente no Brasil como um “Apartheid à Brasileira”.

A naturalidade com que os responsáveis encaram tais situações é indecente, mas raramente é adjetivada dessa maneira. Trata-se, na realidade, de uma forma do apartheid à brasileira, contra a qual é urgente reagir se realmente desejamos integrar a sociedade brasileira de modo que, num futuro próximo, ser negro no Brasil seja, também, ser plenamente brasileiro no Brasil. (SANTOS, 2002,p.2)

Trabalho 1: Racismo na balada



Para exemplificar essa situação corriqueira nas casas noturnas de todo o país, lembro um fato que ocorreu em uma casa noturna de São Paulo, em dezembro de 2014 , onde claramente clientes foram barrados por não apresentarem as

características físicas elitistas e o perfil considerado atrativo para os organizadores da festa:

De acordo com as jovens, quando apresentaram seus documentos para entrar na Villa Mix, mesmo sem consultar a lista de convidados, uma das *hostess* da casa noturna disse que elas não constavam na relação de nomes e as três foram retiradas da fila de entrada por um segurança.

Fora da fila, as jovens apresentaram o e-mail enviado com seus nomes à casa noturna a Denis Lugas de Sousa, que se identificou como gerente da Villa Mix, mas ele também impediu o acesso das três jovens à boate.

“Enquanto estávamos esperando a definição sobre nossa liberação ou não, vimos várias pessoas entrando sem que os nomes delas fossem consultados na tal lista”, contou Thayla.

Foi também enquanto esperavam a definição sobre a entrada na Villa Mix que as duas jovens que acompanhavam Thayla ouviram uma das *hostess* da casa noturna dizer para uma colega de trabalho: “essa neguinha não entra aqui hoje”.(Portal Ponte. Disponível em: <http://ponte.org/chamada-de-neguinha-estudante-e-impedida-de-entrar-em-casa-noturna-na-zona-sul-de-sao-paulo>)

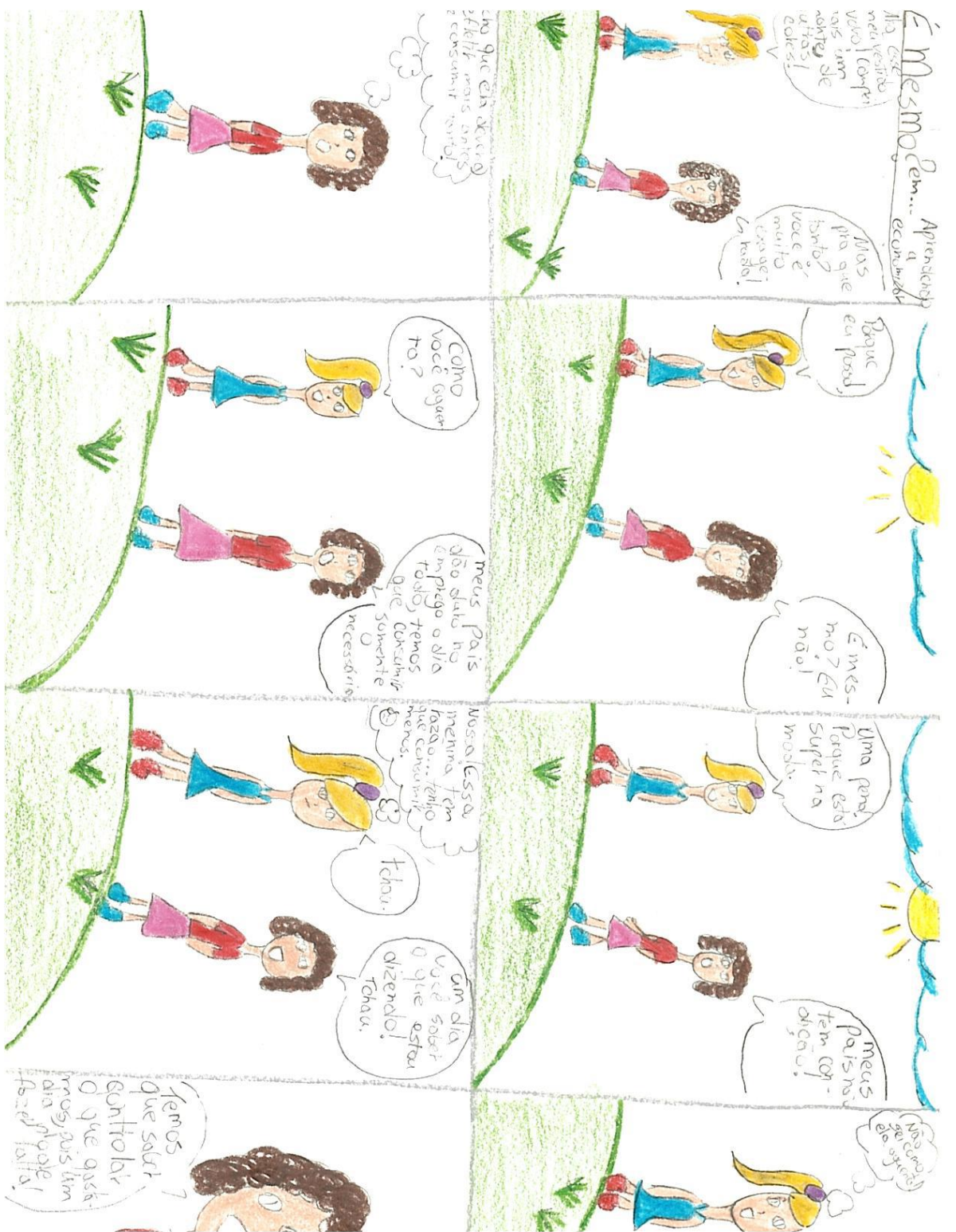
No trabalho 2, podemos ver uma história em quadrinhos em que a aluna aborda o consumismo exagerado e a diferença de classes, característica infelizmente tão comum das sociedades contemporâneas. A aluna ao discutir a compra de vestidos sem necessidade expôs sua realidade, de exclusão do sistema. Para desenvolver o seu pensamento e o expor aos leitores, a aluna fez uso de uma sequência lógica de seis quadrinhos, enfatizando os traços físicos de seus personagens em que a garota branca e de cabelo liso era a consumidora e detentora dos produtos, enquanto que a menina com cabelos enrolados detinha apenas produtos que faziam parte de suas necessidades básicas de vestimenta.

Embora possa aparentar ser uma simples e ingênua história em quadrinhos, ela é reveladora de discursos complexos à medida que a aluna relaciona o seu conhecimento cotidiano com dois tópicos trabalhados em sala: a globalização e o racismo. Assim, claramente os conteúdos não estão isolados e com um mesmo material podemos estudar e trabalhar várias temáticas dentro e fora da Geografia.

O panorama de alienação ao consumismo sem precedentes só estimula as vaidades humanas e coloca as pessoas que não tem acesso a esses bens de consumo a uma situação de inferioridade que procura quebrá-la a qualquer custo.

O consumo é o grande emoliente, produtor ou encorajador de imobilismos. Ele é, também, um veículo de narcisismos, por meio dos seus estímulos estéticos, morais, sociais; e aparece como o grande fundamentalismo do nosso tempo, porque alcança e envolve toda gente. Por isso, o entendimento do que é o mundo passa pelo consumo e pela competitividade, ambos fundados no mesmo sistema da ideologia.(SANTOS, 2003, p.49)

Trabalho 2:



No trabalho abaixo – o trabalho 3 - a aluna utilizou de várias características do humor gráfico em uma charge e vários outros desenhos baseados em formas conhecidas e muito utilizadas para mensurar vários itens que se complementam para formar uma totalidade, como os gráficos em diferentes modos.

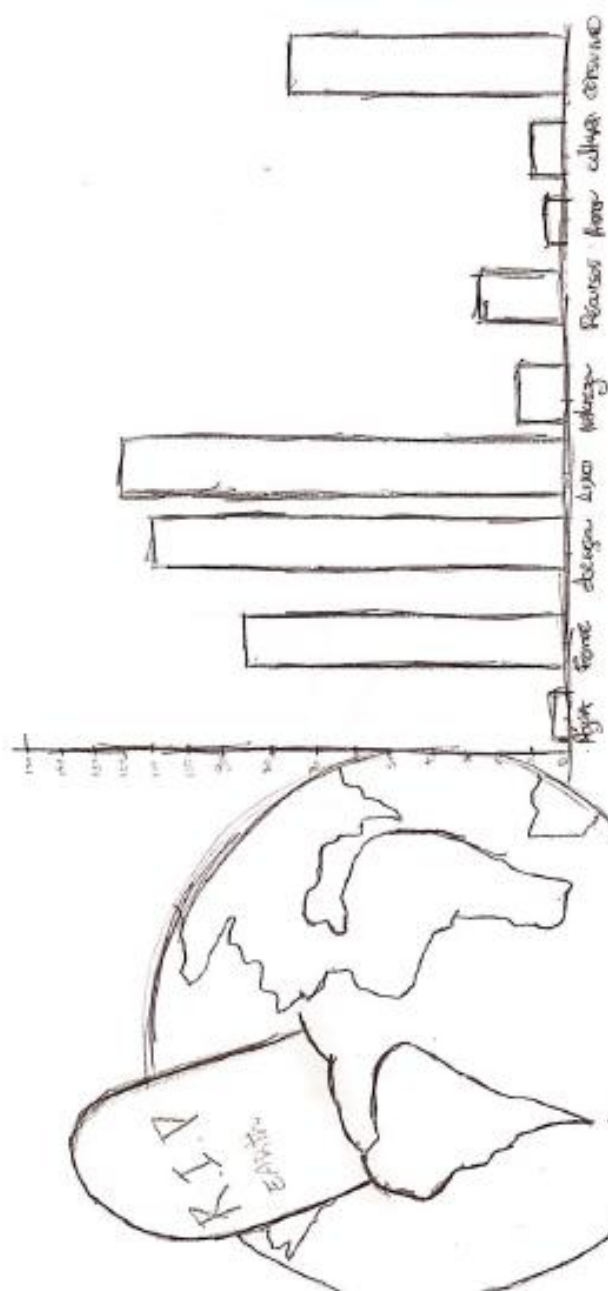
A charge do globo é bem interessante, à medida que foram utilizados elementos como o exagero, no caso a lápide RIP², que proporcionalmente é extremamente gigante ao se comparar com o tamanho do planeta; também empregou o elemento metafórico ao colocar uma lápide representando o Planeta Terra morto e a lápide que é utilizada para seres humanos, sendo utilizada para chamar a atenção para um planeta morto.

A aluna fez a escolha de complementar o seu trabalho com outras representações para enfatizar a sua ideia de um “planeta morto” e com valores que priorizam o lucro, como na pirâmide em que o cifrão aparece no topo. No gráfico ela usou de barras maiores na representação de condições que revelam a situação que o capital ocasiona nas sociedades, como a fome, a pobreza e a miséria.

O trabalho da aluna dialoga diretamente com o pensamento miltoniano de que a globalização presta um serviço contra a humanidade, em que quase tudo é pensado e articulado para aumentar o lucro das multinacionais, e nada a favor da população local, além de empregos super explorados. Assim, “o progresso técnico aparecia como uma condição para realizar essa sonhada globalização e, finalmente, quando esse progresso técnico alcança o nível superior, a globalização se realiza, não a serviço da humanidade, mas contra”. (Santos, 1998, p.32).

Trabalho 3:

² RIP do latim "*Requiescat in pace*" que significa "*descanse em paz*"



Quem Matou o Mundo?



De todos os trabalhos que recebi, sem dúvidas o que mais me chamou a atenção, foi o trabalho 4. O trabalho feito por um aluno com características bem distintas dos demais alunos da sala de aula, o jovem me chamou a atenção por sentar sempre no fundo da sala e parecer querer sempre estar isolado dos demais, usar roupas escuras e mesmo com o tempo bem quente usar casacos com tocas que com o cabelo sobre o rosto, tentando esconder sua face.

O jovem que durante as minhas observações na sala aula, não se comunicava ou relacionava de alguma forma com os demais colegas, exceto um deles e muito menos participava das atividades ou debates, inclusive das vezes que passando pelas carteiras a observar e conversar com os alunos sobre as atividades diversas que os mesmos estavam fazendo, ao tentar conversar com este aluno, o mesmo não me respondia.

Não tenho conhecimento suficiente para julgar de qual *tribo* ou grupo ele fazia parte, se é que fazia parte de uma, mas me parecia um jovem *Emo*³, o que contrastava com os demais meninos que usavam bonés de aba reta e bermudas largas, claramente com o visual dos *Mcs* do *Funk*, indicando suas identidades incluídas neste grupo tão popular e comum no período atual.

A história em quadrinhos que o aluno apresentou, composta por 6 quadrinhos, tem representado em seu primeiro quadrinho um jovem funkeiro, caracterizado pelos trajes e estilo, mas principalmente pela onomatopéia “*Tchu – Tcha*” indicando as batidas características das músicas funk.

³**Emo** vem do termo **emotionalhardcore**, um estilo de musica dos anos 80 pertencente ao punk rock caracterizado pela musicalidade melódica. Tem origem na palavra em inglês **emotion** ou **emotional** (emoção ou emocional).

Emo é também como uma **cultura alternativa, um estilo de vida**, que se propagou pelo Brasil e pelo mundo. Muitos jovens se identificam com a ideologia emo, mas o que mais chama atenção é a maneira que os adeptos desse estilo de vida se vestem.

As roupas dos emos geralmente são pretas, podendo até utilizar uma peça ou outra de cor clara, coturnos pretos até os joelhos, lápis preto nos olhos, batom preto, cabelos bem tingidos de negro e franjas longas caídas no rosto, e todo o tipo de tatuagem e piercings pelos olhos, boca, língua, muitas vezes esmalte preto, inclusive para os rapazes. Outra característica distintiva dos emos é o cabelo, que muitas vezes é possível verificar cortes e cores diferentes da maioria – Portal conceito.de.

Em sequência, o *funkeiro* que estava se divertindo com as batidas do seu ritmo favorito é surpreendido por uma pedra arremessada por um indivíduo não mostrado nos quadrinhos iniciais. Logo em seguida, no quarto quadrinho, o funkeiro é atingido por balas de um revólver que no quadrinho seguinte revela um outro jovem com cabelos e demais características facilmente identificáveis como *dosemos*, com uma frase: “*Posso ter lhe matado, mas você matou a música*”.

Confesso que ao me deparar com a produção do aluno, que a princípio não tinha muita coesão com a atividade proposta, fiquei muito impactado e no primeiro momento o trabalho para mim representava um caso grave de intolerância e expressava uma situação preocupante.

Ao refletir mais profundamente sobre o trabalho, levantei algumas questões e analisando o contexto me parecem fazer sentido: Queria o aluno chamar a atenção sobre a opressão e exclusão que ele próprio vinha sofrendo? Aquela representação seria um indicativo de uma situação em o que o aluno representando uma minoria era alvo de *bullying*⁴?

Cheguei a conclusão que de fato o aluno não se tratava de um opressor, mas sim de um oprimido. O trabalho que a princípio não tinha relação direta com os conteúdos proposto se mostrou o mais revelador e explicitou o papel que o humor gráfico pode ter de ser um veículo de comunicação até para aqueles que se calam diante dos grupos dominantes.

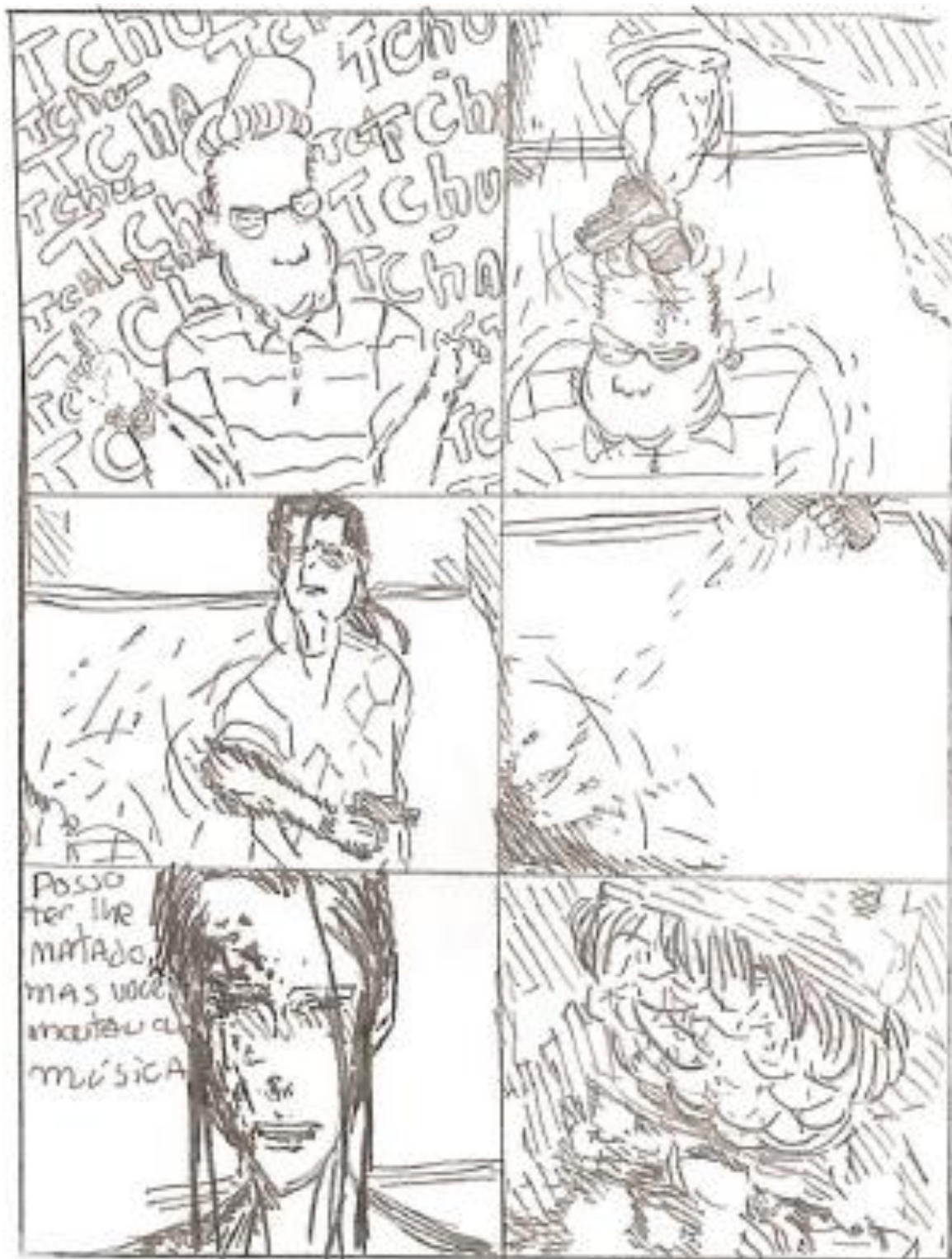
A escola pública é, sem dúvidas, um dos palcos em que as diversidades se afloram, principalmente nos adolescentes que estão em um processo de construção de suas identidades. Neste palco, muitas vezes, ocorre o descobrimento das diferenças e é a primeira possibilidade de conviver com elas. Talvez por isso o choque é inevitável e as minorias acabam que por serem reprimidas.

[...] a cultura manifesta-se, sobretudo, nos gestos mais simples da vida cotidiana. Cultura é comer de modo diferente, é relacionar-se com o outro de outro modo. [...]. Cultura para nós, gosto de frisar, são todas as manifestações humanas, inclusive o cotidiano, e é no cotidiano que se dá algo essencial: o

⁴ O fenômeno *bullying* é compreendido pela apresentação de um conjunto de comportamentos agressivos, emitido de maneira intencional e repetitiva, sem um estímulo motivador aparente (Marini, 2005).

descobrimto da diferença. (FAUNDEZ e FREIRE, 1985, p.34).

Trabalho 4:



5. Considerações Finais

Trabalhar com as charges, os cartuns e as histórias em quadrinhos no contexto escolar, em caráter complementar a linguagem escrita e demais linguagens, oferece outra possibilidade de armazenar e produzir conhecimento, levando em consideração que os alunos têm suas peculiaridades, e determinadas linguagens são absorvidas diferencialmente em cada um deles.

A necessidade de diversificação nas linguagens de ensino é uma realidade, à medida que o panorama da educação no país vem se mostrando ineficiente e debilitado. Os problemas escolares no Brasil são inúmeros, embora que muito se deva a baixa atratividade das escolas para a criança e o jovem.

Dentre as medidas que precisam ser tomadas urgentemente é o rompimento com os métodos de ensino tradicionais e buscar uma coesão maior entre a escola e a realidade e aos interesses dos alunos. Neste sentido, o advento das novas tecnologias que se consolidam com uma rapidez fulminante, sobretudo no século XXI, deve ser melhor absorvidas pelo sistema educacional.

Observa – se uma tendência a diversificação nas práticas e nas linguagens aplicadas em sala de aula, embora que muitos desafios ainda surgem como “pedras no caminho” para os professores que tentam tornar a escola um ambiente mais lúdico e desafiador, como em alguns a falta de apoio da direção e do poder público responsável pelas escolas, diretorias de ensino e afins, falta de apoio financeiro e recursos para matérias, entre outras dificuldades.

Os trabalhos feitos pelos alunos seguem na direção apontada pelos pensadores sobre a temática, da eficácia e da potencialidade de se trabalhar com este tipo de linguagem, que representa de certa forma, uma fuga aos padrões de ensino impostos pela escola tradicional.

Por outro lado, os trabalhos se mostraram reveladores e o humor gráfico como uma linguagem que pode ser norteadora para discussões além do conteúdo das disciplinas e da Geografia, mas de situações das mais diversas do cotidiano do aluno e escolar.

6. Referências Bibliográficas

ANDRADE, Ana Maria. Ensino da geografia: a prática lúdica e pedagógica no projeto caravana ecológica. Encontro Nacional de Prática de Ensino e Geografia, Porto Alegre, 2009.

ARBACH, Jorge Mtanioslskandar. O fato gráfico: o humor gráfico como gênero jornalístico. São Paulo: USP/SP. Tese de doutoramento em Ciências da Comunicação, 2007.

BARBOSA, As histórias em quadrinhos nos livros didáticos de geografia dos anos iniciais do ensino fundamental . UFPI, 2013.

BOMFIM, Natanael Reis. A imagem da Geografia e do ensino da Geografia pelos professores das séries iniciais. Revista Estudos Geográficos. Rio Claro, junho 2006.

CAVALCANTE, Márcio Balbino. No escurinho da classe - o filme como recurso didático na escola., 2009.

CAVALCANTI, Lana de Sousa. Geografia, escola e construção de conhecimentos. Campinas: Papirus, 1998

CAVALCANTI, L. S. Ensino de Geografia e diversidade: Construção de conhecimentos geográficos escolares e a atribuição de significados pelos diversos sujeitos do processo de ensino, 2010.

CHARLOT, Bernard, A escola e o trabalho dos alunos, Revista de Ciências de Educação. Lisboa, 2009.

_____. Bernard, Os jovens e o saber, São Paulo: Arimed:2001

COSTA, C.F.R. *Linguagem e cartum...tá rindo do quê?* INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

DAVELA, Linguagem e psicanálise. Revista Fronteira Digital. Ano I – n.º 01 – jan. – jul. 2010

DOHME, Vânia. Atividades Lúdicas na educação: o caminho de tijolos amarelos do aprendizado. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

FAUNDEZ, A.; FREIRE, Paulo. Por uma pedagogia da pergunta. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FREITAS, E.; SALVI, R. *A ludicidade e a aprendizagem significativa voltada para o ensino de geografia*, 2007.

GARCIA, Nelsom. *Pensamento e linguagem - Lev Semenovich Vygotsky*, (2001).

HOUAISS, Antônio. VILLAR, Mauro de Salles. Minidicionário Houaiss da língua portuguesa., elaborado no Instituto Antônio H. de Lexicografia de Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. 3ª ed. rev. E aum. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LUCKESI, C. C. Avaliação da aprendizagem escolar. São Paulo: Cortez, 2002.

MASSEY, *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*, Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2008.

MELO, Gladstone Chaves de. Ensaio de estilística da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

MINUZZI, Crislaine. Estudo sobre língua e linguagem: considerações. 2011.

MUSOI, Arno Bento. A fotografia como recurso didático no ensino de geografia, Programa de Desenvolvimento Educacional do Paraná, 2008.

OLIVEIRA JR. W. MACHADO. Girardi Gisele Diferentes linguagens no ensino da geografia ENPEG, 2011

OLIVEIRA Jr. Wenceslao. Desasfixiar pensamentos, desfigurar lugares em imagens, 2012. Disponível em: < http://www.geoimagens.net/#!/__sp/textos>..

O ESTADO <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,mp-investiga-villa-mix-por-suspeita-de-discriminacao-racial--social-e-estetica,1738765>

PONTUSCHKA, NídiaNacib. PAGANELLE, Tomokolyda. CACETE, NúriaHanglei. Para ensinar e aprender Geografia. 1º ed. São Paulo: Cortez, 2007.

RAFFESTIN, Claude. Por uma geografia do poder. São Paulo: Editora Ática, 1993.

RODRIGUES, R.C .A SANTANA, F.T.M e ERTHAL, L. Pesquisa e ensino em Geografia: a linguagem imagética para uma educação geografia com sentido. Projeto de Pesquisa FAPERJ, CAP Niterói. 2005.

SANTOS, Minton. Metamorfoses do espaço habitado. São Paulo: Hucitec, 1988

_____.Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

_____. Ser negro no Brasil hoje. In: RIBEIRO, W. C. (org.). O país distorcido: o Brasil, a globalização e a cidadania. São Paulo: Publifolha, 2002b.

SANTOS, Rita de Cássia Evangelista dos; CHIAPETTI, Rita Jaqueline Nogueira. Uma investigação sobre o uso das diversas linguagens no ensino de Geografia: uma interface teoria e prática. In: Geografia Ensino & Pesquisa. v. 15, n. 3, set./dez. 2011

SILVA, E.I. da, *Charge, cartum e quadrinhos: linguagem alternativa no ensino de geografia*, Revista Solta a Voz, v. 18, n. 1, 2007.

SOMMER, Jussara Alves Pinheiro. Formas lúdicas para trabalhar conceitos de orientação espacial: algumas reflexões. In: REGO, Nelson (Org.). Um pouco do mundo cabe nas mãos: geografizando em educação o local e o global. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

SOUSA, A.C.L. *Análise do discurso aplicada em charges e cartuns políticos*, Revista de Estudos Lingüísticos e Literários. Patos de Minas: UNIPAM, (1): 39-48, ano 1, 2008

SOUZA, H, SOUZA, P.O *mundo em Mafalda, ensinando e aprendendo Geografia através de outras linguagens* - (GEO)GRAFIAS E LINGUAGENS: concepções, pesquisas e experiências formativas, Curitiba, 2013.

TORRES, Marcos Alberto. O uso da dramatização para o ensino de História e Geografia de 1ª. a 4ª. Série. Na sala de aula. 2007.

TRAVASSOS, Luiz Eduardo Panisset. A fotografia como instrumento de auxílio no ensino da Geografia. In: Revista de Biologia e Ciências da Terra. v. 1, nº 2, 2001.

XAVIER, Caco. A AIDS é coisa séria – Humor e saúde: Análise dos cartuns sobre Aids. Rio de Janeiro, 1997.